



Síndrome da Rubéola Congênita: Uma análise de dados



Tauane da Mata Vieira Oliveira¹, Fernanda Santi Silveira¹, Beatriz Vieira Nascimento Silva¹, Glauco Giuliano Lima da Silva¹, Danielle Braz Amarílio da Cunha¹, Anna Beatriz Sanguinetti Regadas de Barros¹, Maria Fernanda Araújo Barbosa Lima¹, Laryssa Ramos Pino de Souza¹, Beatriz Castelo Branco Liotto¹, Júlia Oliveira Silva¹, Giovanna Bezerra Naves¹, Juliana Kesia Araujo da Fonseca¹, Larissa Muller Marques¹, Marília Magalhães Wanderlei¹, Mariana Patrícia Dias de Campos Carvalho²

¹ Discente do Curso de Medicina do Centro Universitário de Brasília - UnICEUB

² Médica Pediatra da Faculdade de Medicina da USP - FMUSP

E-mail: tauane5@gmail.com

INTRODUÇÃO E OBJETIVOS

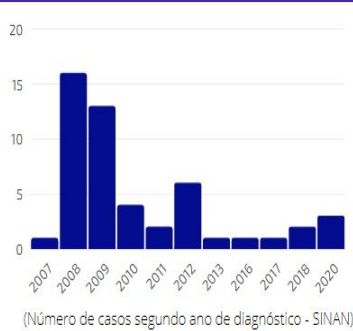
A rubéola é uma doença viral e autolimitada que ocorre majoritariamente em crianças/adultos jovens. Tem evolução benigna na maioria dos casos, entretanto, pode apresentar desfechos desfavoráveis para fetos quando acomete gestantes.

Com este estudo busca-se identificar o número de casos de rubéola congênita no estado da Bahia e os principais dados relacionados com a doença nesse local.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão de literatura na qual os dados foram obtidos por meio do sistema de informações e agravos de notificação (SINAN) da Bahia e bases de dados científicas.

RESULTADO E DISCUSSÃO



Entre 2007 e 2020 ocorreram 50 novos casos de Síndrome da Rubéola Congênita (SRC) na Bahia. Dos casos identificados, apenas 32% tiveram diagnóstico confirmado laboratorialmente, sendo que o diagnóstico ocorreu no 3º trimestre em 32% das gestantes, e em 26% no 2º trimestre. Com relação ao desfecho dos recém nascidos (RN) acometidos, 10% nasceram prematuros e cerca de 72% das crianças nascidas com SRC evoluíram com a cura da condição, enquanto 4% foram a óbito. Do total de casos, mais da metade ocorreu entre os meses de agosto e novembro, sendo que 54% dos nascidos eram meninas, e mais de 50% foram declarados como pardos.

A SCR atingiu sua maior incidência na Bahia em 2008, com 16 casos ocorrendo naquele ano, e menor incidência, correspondendo a 1 caso entre 2013 e 2017.

Em 2020, o número de casos encontra-se ascendente, tendo ocorrido notificação de 3 casos até o momento. Em concordância, é possível observar que houve redução importante da cobertura vacinal da Vacina Tríplice nos últimos anos, com valores abaixo das metas estabelecidas desde 2017.

CONCLUSÃO

Ainda não há um tratamento específico para a SRC, sendo que as medidas farmacológicas são apenas sintomáticas. Sendo assim, é essencial prevenir a síndrome por meio da vacinação da população alvo, ou seja, mulheres em idade fértil, já que a transmissão viral ocorre via transplacentária.

As consequências para o feto podem ser graves, como diabetes, catarata, glaucoma, surdez, microcefalia, restrição de crescimento intrauterino e até mesmo óbito fetal.

REFERÊNCIAS

¹ FRANCISCO, Priscila Maria Stolses Bergamo et al . Vacinação contra rubéola em mulheres em idade reprodutiva no Município de Campinas, São Paulo, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro , v. 29, n. 3, p. 579-588, Mar. 2013

² SISTEMA DE INFORMAÇÕES E AGRAVOS DE NOTIFICAÇÃO DA BAHIA.